2017

BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Abril- 2017

1 - Cenário Internacional

O presidente norte-americano, Donald Trump, levou ao Congresso seu primeiro projeto de lei oriundo de suas promessas de campanha: revogação e substituição do Obamacare. A votação desta reforma na área da saúde era tida pelo mercado como um "teste de força" do atual presidente. Porém, a falta de apoio parlamentar ao projeto levou, por mais de uma vez, ao adiamento da votação, resultando, posteriormente, na não aprovação da medida. O fracasso de Trump quanto à reforma da saúde deixou o mercado receoso, posto que a fragilidade do presidente norte-americano perante o Congresso é vista como um impasse ao cumprimento de outras promessas de campanha.

A ocorrência de conflitos geopolíticos contribuiu, também, para o desassossego do mercado. Após acusar o regime de Bashar Al-Assad de usar armas químicas, que matou dezenas de civis na Síria, Donald Trump ordenou um ataque com mísseis ao país. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, repudiou tal ação, visto que o país apoia o atual governo sírio. Os militares norte-americanos lançaram ainda, no Afeganistão, o maior artefato não nuclear contra uma rede de túneis utilizada pelo Estado Islâmico, grupo este que atualmente domina vastas áreas do território da Síria. Além disso, os EUA ordenaram que um porta-aviões e seu grupo de ataque em águas se deslocassem para a Coreia do Norte, após os coreanos realizarem novos testes com mísseis.

No tocante a dados macroeconômicos, o mercado de trabalho dos EUA apresenta números comumente associados a uma economia robusta. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em março, obteve queda frente ao mês anterior alçando uma taxa de 4,5%, fortalecendo a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Esta conjectura auxilia no argumento de sustentação da continuidade do ritmo de ajuste monetário pelo FED. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em 1.000 requisições, referente à semana encerrada em 8 de abril, que registrou 234 mil pedidos do benefício. No entanto, a criação de postos de trabalho no mês citado frustrou os analistas, visto que eram esperadas 185 mil vagas quando na verdade foi obtida apenas 98 mil. Tal fato está atrelado à redução do PMI industrial norte-americano, ao passo que o indicador registrou no mês de março 53,3 pontos, que apesar de ainda demonstrar expansão, foi o menor número auferido em seis meses.

Na Europa, o processo de desvinculação do Reino Unido da União Europeia (UE) foi oficializado, entretanto o ceticismo continua pairando no ambiente europeu. A primeira ministra britânica, Theresa May deixou claro a intensão de firmar um acordo de livre comércio com o Bloco Europeu, porém a UE descartou qualquer tipo de acordo comercial do Bloco para com o Reino Unido antes da efetivação do Brexit. Ademais, o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk,

afirmou também que o Reino Unido tem que pagar a conta e “respeitar as obrigações” que assumiu até a saída, prevista para março de 2019.

Além da questão mencionada acima, outro fator inquietante na Europa está relacionado com as eleições na França. A candidata Marine Le Pen, representando a extrema-direita, despontava levemente como favorita causando receio ao mercado, uma vez que a líder da Frente Nacional mostrou-se, ser contrária a permanência de seu país na UE. Contudo, tal vantagem foi corroída e as últimas pesquisas apontaram empate técnico entre quatro candidatos: o conservador François Fillon, o centrista Emmanuel Macron, o esquerdista Jean-Luc Mélenchon, além de Marine Le Pen. Ou seja, tudo está em aberto no que tange as eleições presidenciais francesas, haja vista que qualquer um dos quatro candidatos pode passar para o segundo turno, deixando incerta a origem do futuro chefe de estado francês.

Direcionando a análise para a Ásia, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial, a China, apontou uma leve alta em março quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI), que registrou 51,8 pontos no mês observado, ante 51,6 em fevereiro. A leitura que se faz diante de tal número é que este resultado indica que há um crescimento sólido da atividade industrial chinesa no início de 2017, uma vez que pelo sétimo mês consecutivo o resultado de seu PMI esta acima de 50 pontos, o que significa expansão da atividade industrial.

Em última instância, o cenário inflacionário brasileiro para o ano de 2017 segue com tom otimista. No mês de março o indicador de inflação oficial (IPCA) registou 0,25%, ficando abaixo em 0,08 percentuais na comparação com o mês anterior. Com este resultado, o primeiro trimestre do ano acumula 0,96%, percentual bem inferior aos 2,62% de igual período de 2016. O índice acumulado em 12 meses decresceu ainda mais: foi para 4,57% ficando muito próximo do centro da meta oficial de 4,5%. Além disso, o Boletim Focus reduziu mais uma vez a expectativa de inflação para o fechamento do ano, de 4,09% para 4,06%. Este comportamento benigno da inflação abriu espaço para um corte mais célere da taxa de juros oficial do país, levando a Selic para 11,25% a.a. e a estimativa do Banco Central é de que tal índice encerre o ano cotado em 8,50% a.a.

No entanto, para que haja sustentabilidade do processo de desinflação em curso faz-se necessário a aprovação e implementação de algumas reformas tidas como essenciais para a obtenção do saneamento das contas públicas, dentre elas a Reforma da Previdência. A mudança no âmbito previdenciário vem gerando preocupações quanto a sua aprovação, visto que as últimas sondagens mostraram que não haveria votos suficientes para a legitimação do projeto. Com o intuito de mitigar esta situação, o governo promoveu mudanças no texto base da reforma, entretanto o mercado considerou que tal flexibilização está acima do esperado, tolhendo o objetivo da reforma.

Sendo assim, apesar do cenário internacional incerto, sobretudo, ao que tange os conflitos geopolíticos e seus possíveis impactos globais, a economia brasileira tende a ser mais influenciada via indicadores internos.

2 -Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de março de 2017 um valor mínimo de US$ 50,56, máximo de US$ 56,36 e média de US$ 52,54, representando um acréscimo de 0,06% em relação ao mês de fevereiro. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US$ 54 para 2017 e US$ 57 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve redução de US$ 1 na expectativa do preço para o final deste ano e manutenção do valor para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto subiram para 9,25 milhões de barris na semana encerrada em 14 de abril. Tal número configura-se no maior nível de produção já visto em vinte meses e representa elevação nos estoques dos EUA pela nona semana consecutiva.

Contudo, há expectativa de aumento do preço devido ao anúncio de corte de produção da OPEP, aderido também por países não pertencentes a este grupo, tal como a Rússia. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

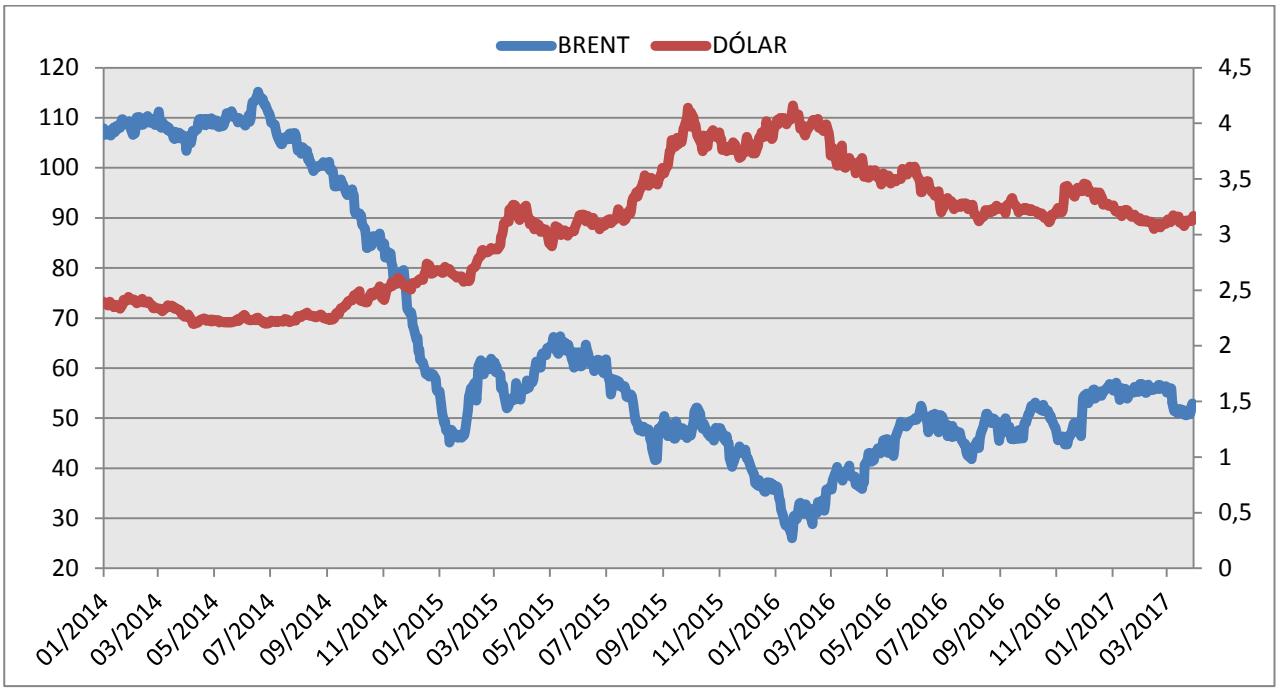
O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora.

No gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre fevereiro de 2014 e março de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. Segundo o Boletim Focus, de 13 de abril de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R$ 3,23. Em relação há quatro semanas à expectativa era de R$ 3,29.

Gráfico 1: Preço do Brent

Fonte: ICE/ GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

A propensão de valorização da moeda norte-americana pode ser associada a fatores externos, tais como a previsão de alta dos juros nos EUA e a desaceleração da China, a partir do segundo semestre deste ano, contudo a saúde do cenário doméstico tende a ser mais influente neste

movimento cambial. A proposta da reforma fiscal é tida pelo mercado como essencial para a retomada do crescimento do país e caso ela tenha êxito a tendência é de que o Real aprecie frente ao Dólar.

3 - Demanda

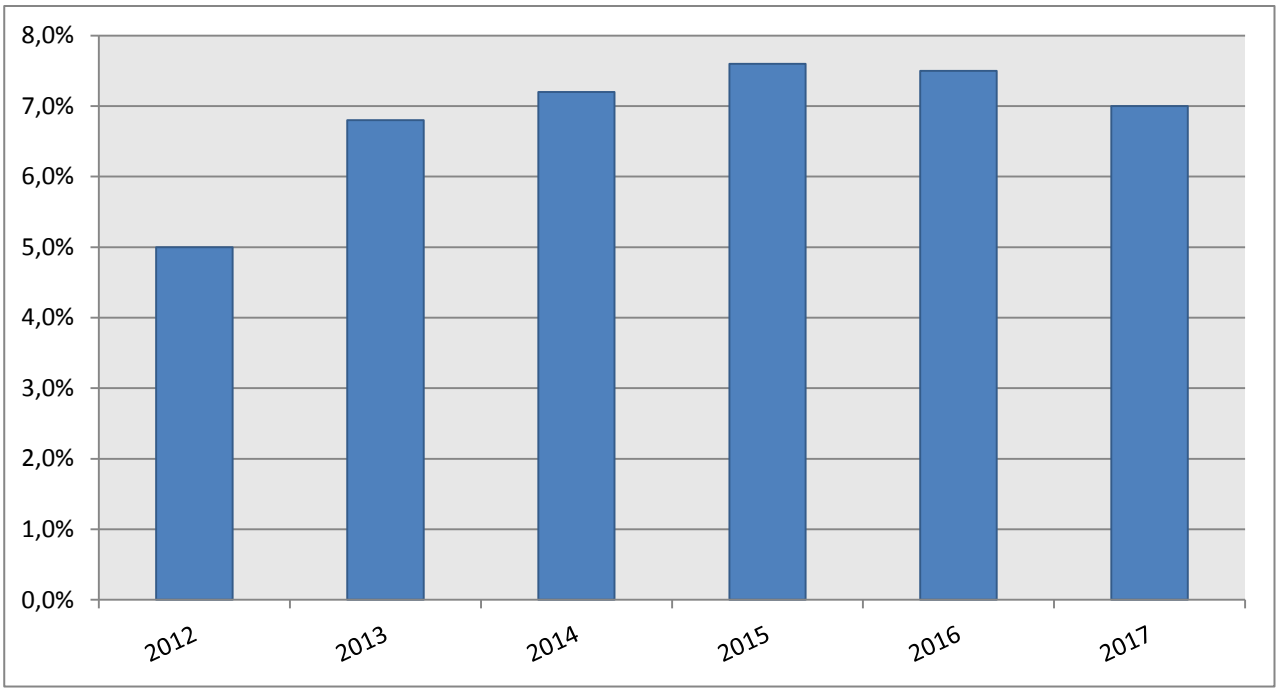
Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,27 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa ficou praticamente estável em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento tênue de demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,49 (mb/d) ante ao ano anterior. Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme demostrado no gráfico 3, o crescimento do país vem demostrando um viés de alta na faixa de 7,0% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

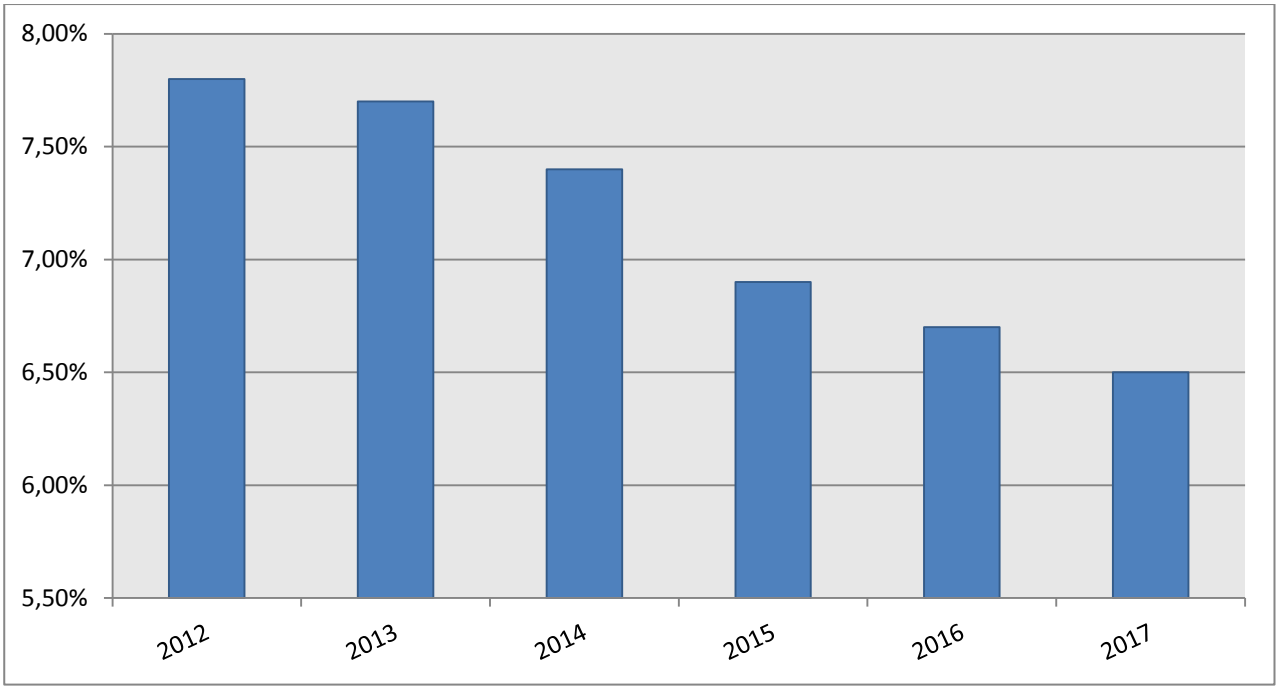
A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora e maior detentora de reservas mundiais no mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 4, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

Gráfico 3: PIB - Índia



Fonte: Broadcast

Gráfico 4: PIB - China



Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Países não Integrantes da OPEP

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um incremento na produção de 0,58 mb/d ao fim deste ano, demonstrando aumento de 0,18 em relação ao último relatório. Esta revisão para cima deve-se, novamente, a perspectiva de alta na produção dos EUA, cuja previsão para o fechamento de 2017 foi revista para 0,20 mb/d., em vista de maiores contagens de plataformas em atividade no país.

Já para a EIA o aumento está estimado em 0,62 mb/d em relação a 2016. Assim como a OPEP, os EUA é visto como o principal responsável por tal avanço. Dessa forma, ambas as agências preveem que haverá crescimento da oferta para 2017, ressaltando que a crescente produção da *commodity* por parte dos EUA pode vir a interferir nos preços.

4.2- Países Integrantes da OPEP

Segundo a OPEP, os países integrantes do seu bloco reduziram sua oferta no mês de março em 0,24 mb/d frente ao mês anterior no qual foi registrado recuo de 0,14 mb/d. Os maiores declínios podem ser observados, sobretudo, na produção da Líbia e Emirados Árabes. Este movimento é consequência, principalmente, de questões geopolíticas na Líbia.

A EIA espera uma produção mundial de petróleo estimada em 1,14 milhão de barris por dia, sendo que os países integrantes da OPEP contribuirão com um incremento de 0,52 mb/d. Fazendo um comparativo com o relatório passado pode-se concluir que tal expectativa manteve-se relativamente estável. Este movimento pode ser atribuído ao acordo de corte de produção liderado pelo cartel.

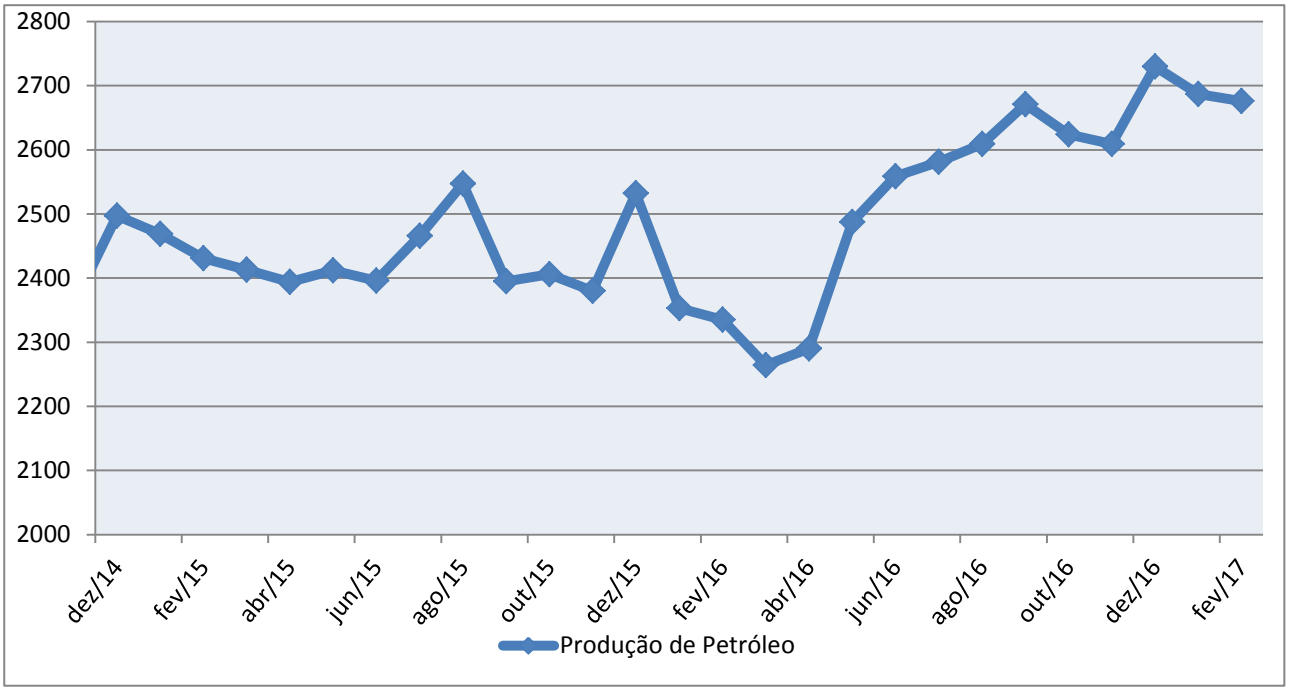
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de fevereiro ocorreu em 8.476 poços, sendo 821 marítimos e 7.655 terrestres. Houve uma redução de 45 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produzem 95,0% de petróleo do país.

Segundo a ANP, a produção no mês observado registrou 2.676 mil barris de petróleo ao dia (Mbbl/d), configurando uma redução de 0,4% em relação ao mês de janeiro. Apesar de ser o segundo decréscimo assistido, após o recorde de produção em dezembro de 2016, quando auferiu a produção de 2.730 Mbbl/d, este número ainda reflete padrões elevados de produção. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico abaixo.

Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

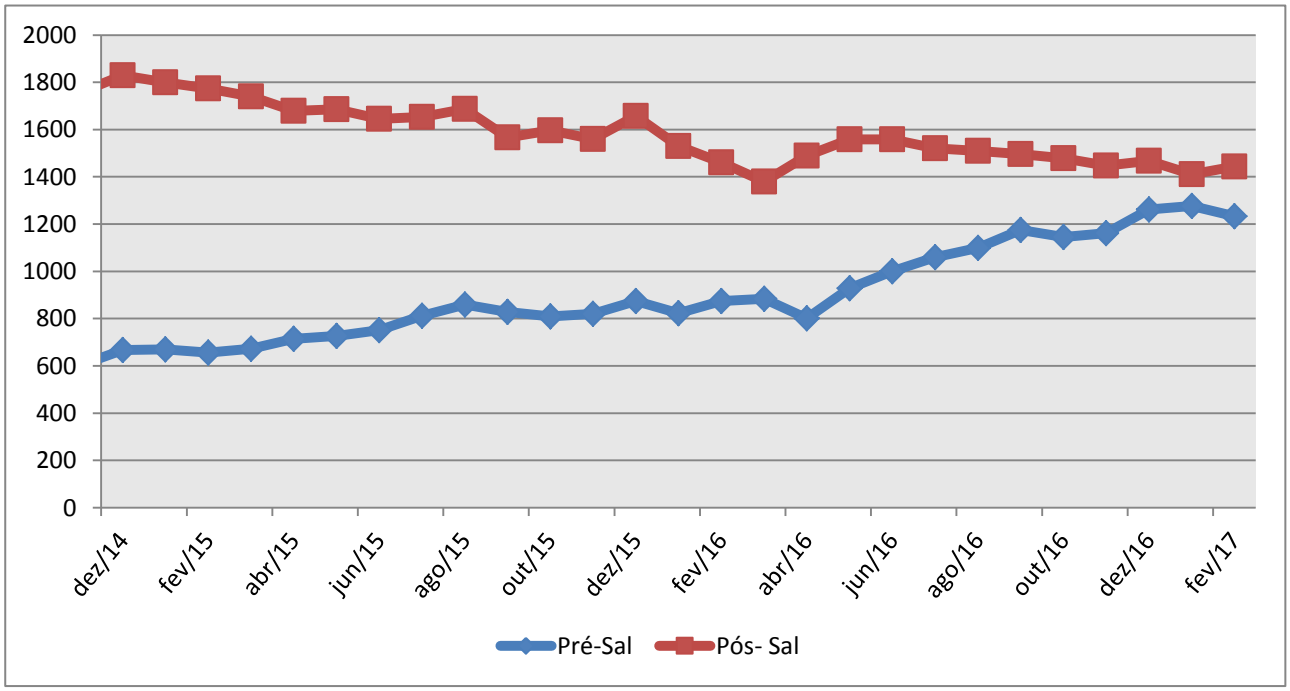
No mês de fevereiro o pré-sal, registrou uma produção de 1.233,3 Mbbl/d. Tal produção é oriunda de 74 poços, o que representa 46% do total produzido no Brasil. Em comparação a janeiro houve uma queda produtiva de 3,4%, fato este que acarretou na queda da produção total, visto no item 5.1.

Já o pós-sal registrou no mês em análise 1442,7 Mbbl/d, equivalente a 54% da produção nacional. Este número equivale a um aumento de 2,3%, se comparado ao mês anterior ao qual apresentou decréscimo de 3,9%. Apesar da variação produtiva positiva vista no mês de fevereiro, a produção do pós-sal ainda está muito aquém da média de produção de 1.585 Mbbl/d, referente aos últimos dois anos.

Assim, conforme verificado no gráfico abaixo a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta leve viés de queda, enquanto a do pré-sal segue em ascendência. Estima-se que a

produção originária do pré-sal ultrapassará a do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: ANP/GOP

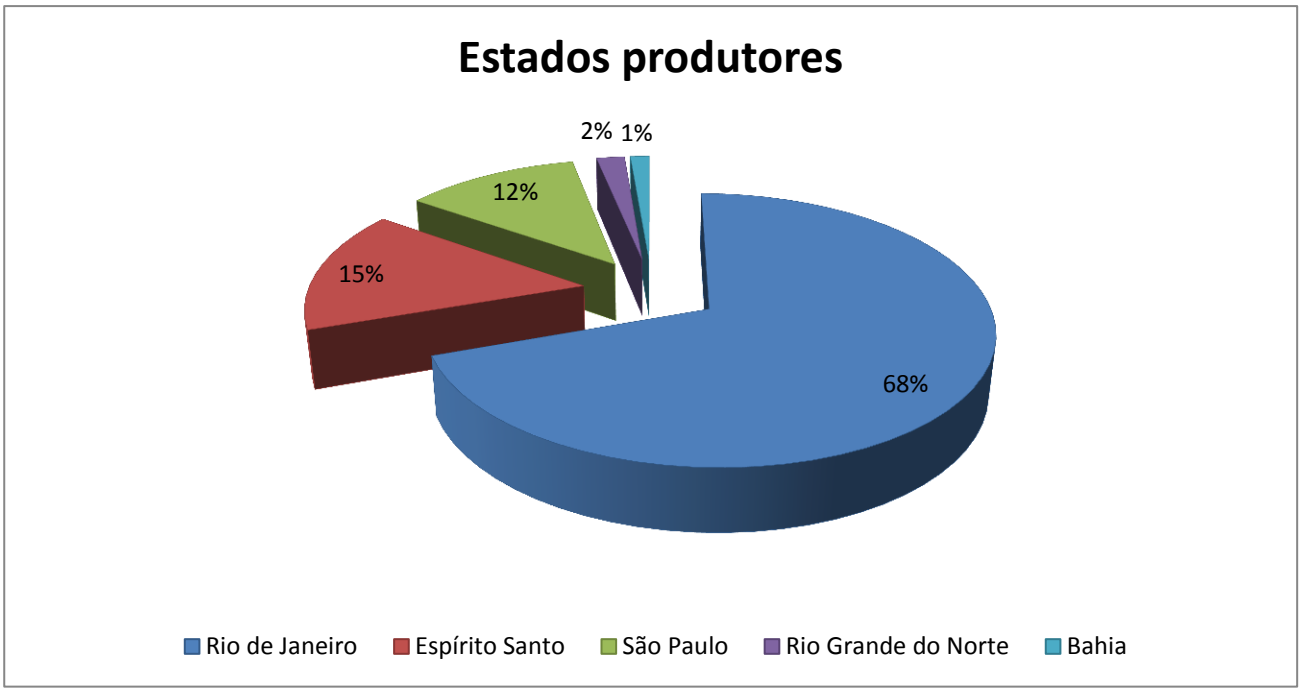
5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, dentre os quais se destacam o Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, é responsável por 68% da produção nacional.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 45% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresentam elevado grau produtivo conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil.

Ambas as observações podem ser verificadas a seguir.

Gráfico 5: Estados produtores



Fonte: ANP/GOP

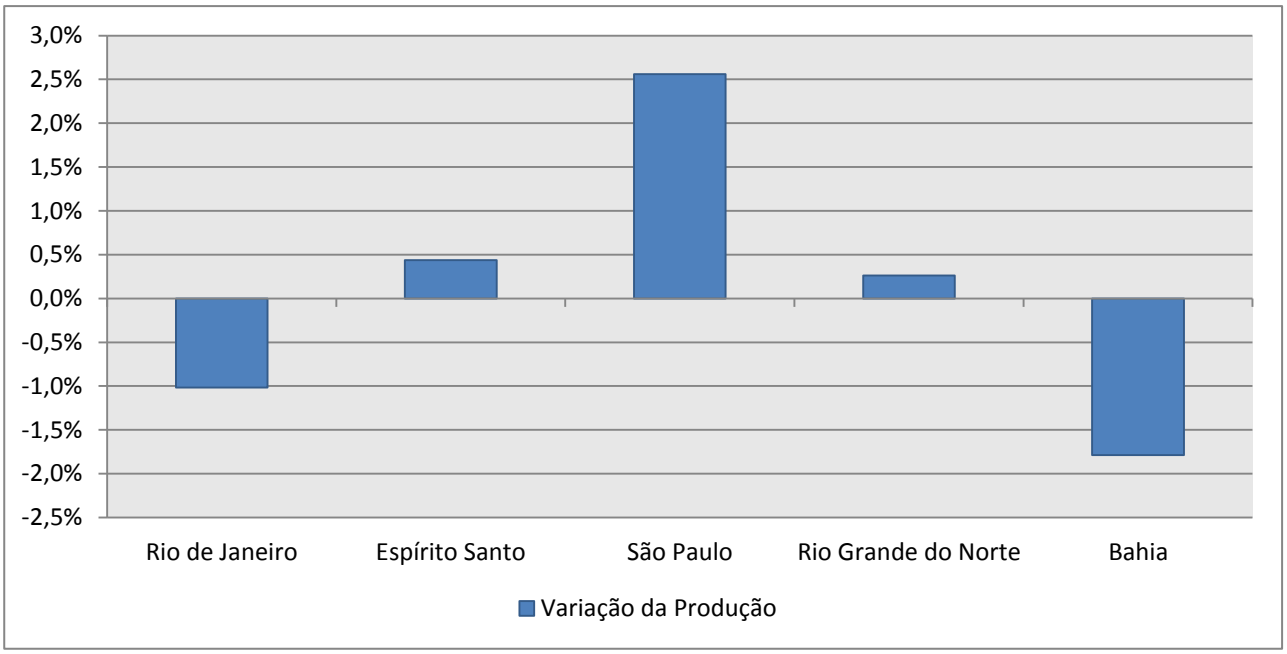
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.812.525	43
Espírito Santo	399.618	47
São Paulo	324.000	6
Rio Grande do Norte	51.150	75
Bahia	33.650	75

Fonte: ANP/GOP

Em relação à produção, referente ao mês de fevereiro, dos estados mencionados pode-se verificar que a maioria apresentou elevação em sua produção. Porém, a produção do Rio de Janeiro obteve recuo de 1%. Esta baixa foi a principal responsável pela redução da produção total do mês verificado, visto que como o estado fluminense detém grande parcela da produção nacional, qualquer variação em sua produção impacta fortemente no montante total.

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais sobrepujam-se: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos representam cerca de 94,0% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas. Tal afirmação pode ser vista na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO/JAN	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.472.655	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	10	1.030.631	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	77	52.407	Rio Grande do Norte
Recôncavo	72	33.255	Bahia
Espírito Santo	40	32.858	Espírito Santo/Bahia

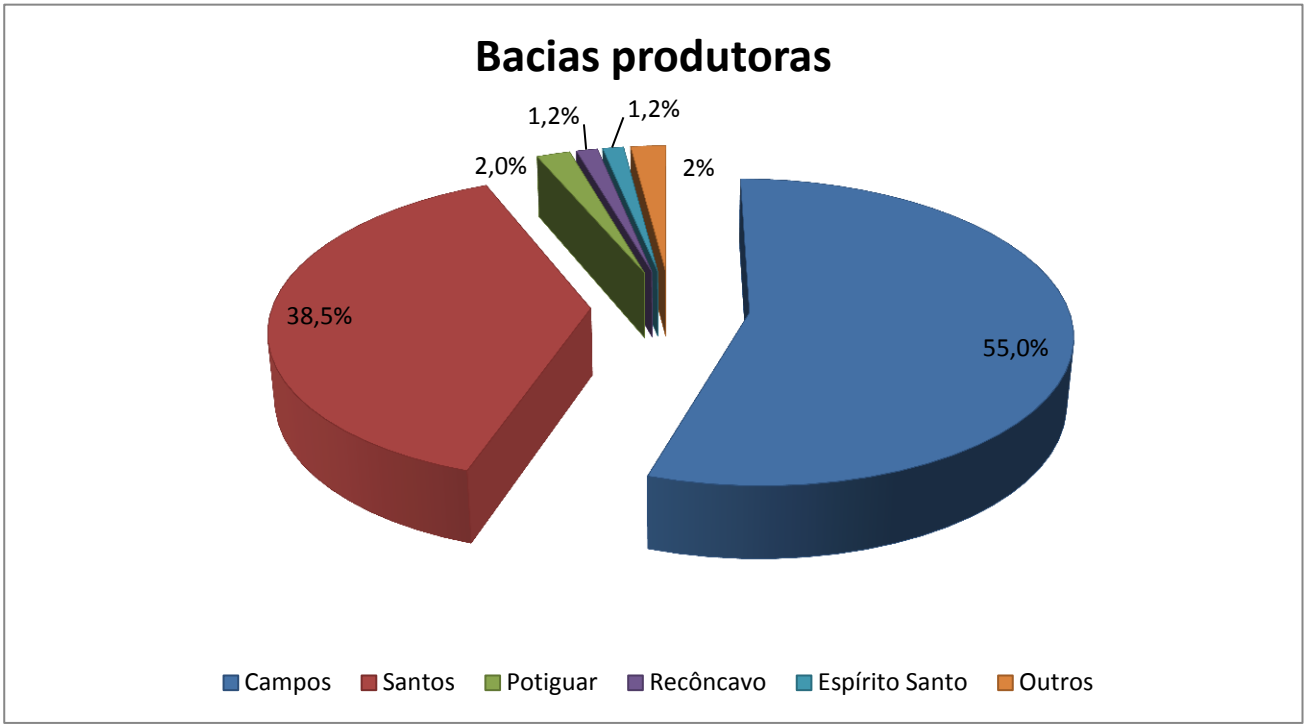
Fonte: ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.676 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a janeiro. A ênfase na queda da produção total do mês de fevereiro pode ser atribuída a Bacia de Santos, que registou uma

redução de 4,6%. Esta Bacia detém a segunda maior fatia da produção nacional (38,5%) no mês em questão, assim qualquer variação em seu grau produtivo é causante de intensos impactos no resultado total.

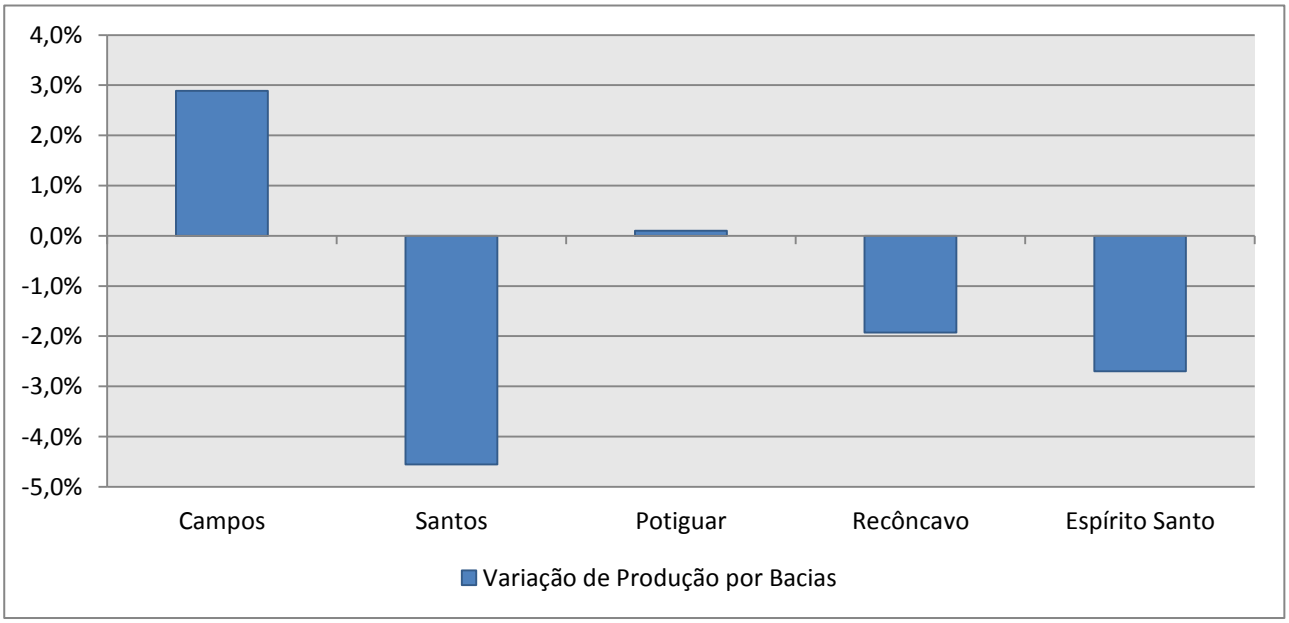
Tais constatações podem ser vistas nos gráfico 6 e 7, respectivamente.

Gráfico 6: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: GOP

Gráfico 7: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Jubarte, Marlim e Marlim Leste. Estes juntos, detém cerca de 52% da produção de petróleo operada no Brasil, no mês de fevereiro e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos. Tal afirmação pode ser observada na tabela 3.

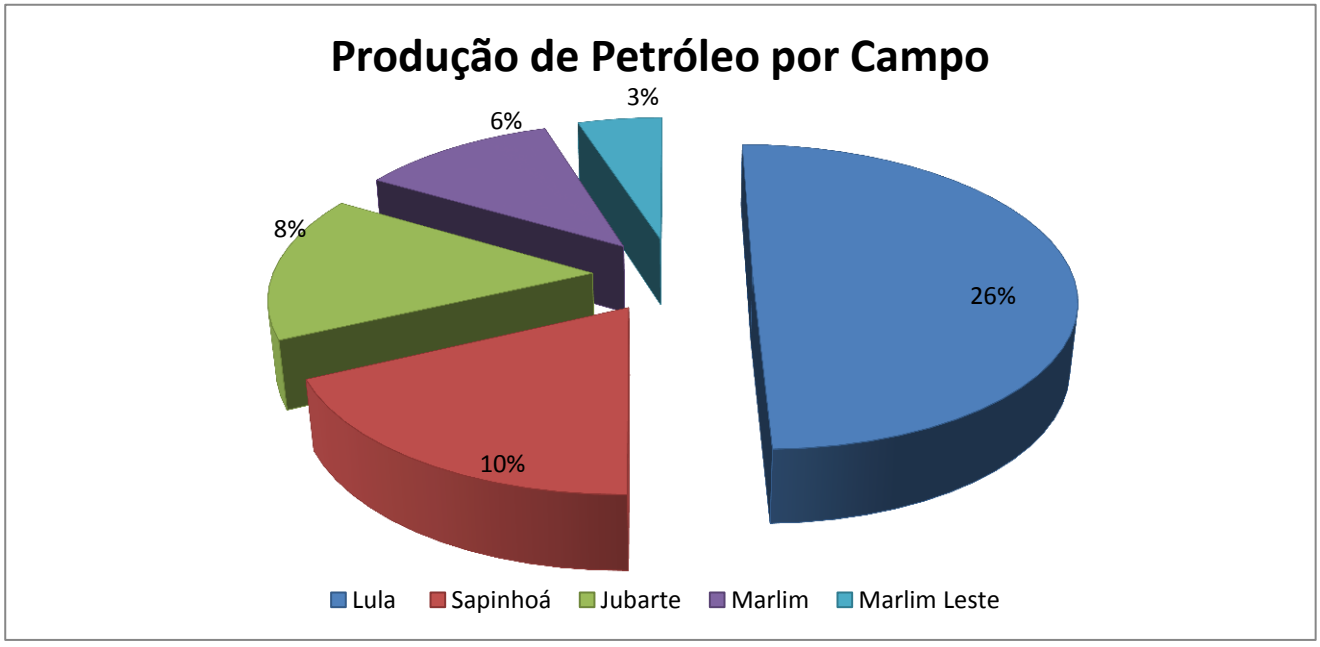
Campo	Produção/Fev	LOCALIZAÇÃO
Lula	690.732	Bacia de Santos
Sapinhoá	254.259	Bacia de Santos
Jubarte	213.889	Bacia de Campos
Marlim	160.698	Bacia de Campos
Marlim Leste	69.287	Bacia de Campos

Fonte: ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês observado cerca de 26% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou ganhos de 690,7 Mbbl/d, representando uma variação percentual negativa de 5,3% na comparação com o mês anterior, no qual foi registrado recorde de produção de 729,5 Mbbl/d.

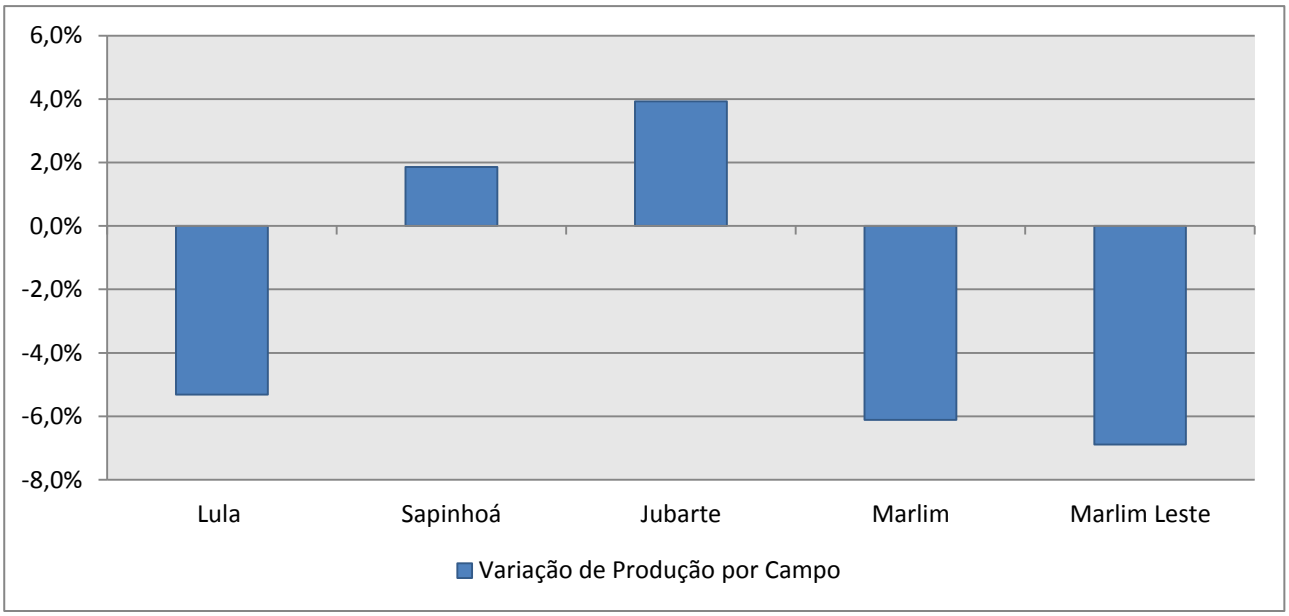
Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráfico 8 e 9.

Gráfico 8: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: GOP

Gráfico 9: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: GOP

Dessa forma, pode-se concluir que o decréscimo na produção nacional, visto no item 5.1, deu-se pela queda de produção oriunda do Pré-Sal. Redução esta, proveniente do declínio de produção visto no Estado do Rio de Janeiro, observado no Campo de Lula.